

# ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 5 • 1995



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS  
1995

**ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS**  
**Volume 5 • 1995**      **ISSN: 0872-6086**

COORDENADOR E  
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso  
PREFÁCIO – Isaltino Morais  
CAPA – João Luís Cardoso  
FOTOGRAFIA – Autores assinalados  
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos  
devidamente assinalados  
PRODUÇÃO – Luís Macedo e Sousa  
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho  
de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras  
2780 OEIRAS

Aceita-se permuta  
*On prie l'échange*  
*Exchange wanted*  
*Tauschverkehr erwünscht*

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E  
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso  
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Sogapal, Lda.  
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

**Estudos Arqueológicos de Oeiras,**  
5, Oeiras, Câmara Municipal, 1995, pp. 213-232

## **OS ÍDOLOS FALANGE DO POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS). ESTUDO COMPARADO**

João Luís Cardoso<sup>(1)</sup>

### **1 – INTRODUÇÃO**

As escavações arqueológicas realizadas desde 1983 no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) conduziram à recolha de importante conjunto de ideofactos, de osso e de pedra os quais, quando exaustivamente publicados, constituirão uma importante fonte documental a nível do Neolítico e Calcolítico peninsulares.

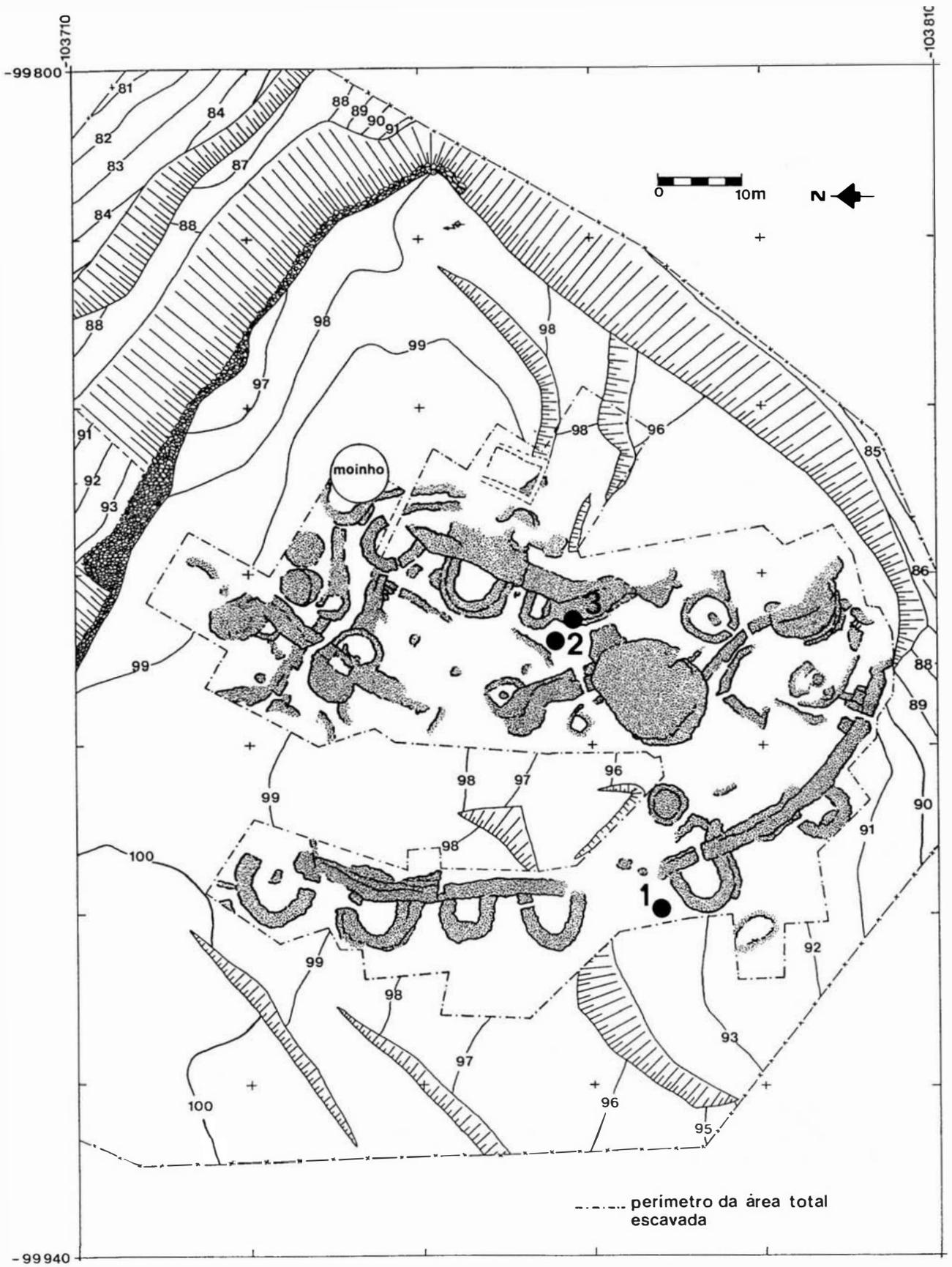
O presente trabalho refere-se a uma categoria de tais objectos, já bem documentada noutros arqueossítios do Centro e Sul de Portugal: os “ídolos-falange”, representados em Leceia por três exemplares; as comparações que possibilitaram com outros, bem como as conclusões delas decorrentes, estão na origem da sua apresentação monográfica.

### **2 – CONDIÇÕES DE JAZIDA**

As três peças foram recolhidas na Camada 2, integrável no Calcolítico pleno da Estremadura (CARDOSO, 1994). No contexto da área escavada, provêm dos seguintes locais (indicados na Fig. 1):

---

<sup>(1)</sup> *Professor da Universidade Nova de Lisboa e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras. Sócio efectivo da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Associação Profissional de Arqueólogos.*



**Fig. 1** – Leceia 1983-1995. Planta geral esquemática das principais estruturas, com localização da proveniência das peças estudadas, todas do Calcolítico pleno (C.2). 1 - Lc/91, EO, C2; 2 - Lc/89, TT, C2; 3 - Lc/87, CC1, C2.

Exemplar n.º 1 (Fig. 2, n.º 3) – recolhido em 1987 junto ao Reforço CC1, integrado na 3.ª linha defensiva, delimitando a Entrada CC2.

Exemplar n.º 2 (Fig. 2, n.º 2) – recolhido em 1989 sobre o Lageado TT, o qual se desenvolve em zona adjacente de CC1.

Exemplar n.º 3 (Fig. 2, n.º 1) – recolhido junto do Bastião EO, adossado à Muralha EH, da 1.ª linha defensiva, em 1991.

### 3 – DESCRIÇÃO DE PEÇAS

**Exemplar n.º 1** (Fig. 2, n.º 3) – falange posterior de cavalo (*Equus caballus*) sumariamente afeiçãoada, por polimento, na face posterior da superfície articular distal e nas extremidades proximais da mesma face (superfícies aplanadas por polimento), bem como na zona mesial da diáfise, de forma mais discreta (apenas ligeiro brilho) na face anterior da peça.

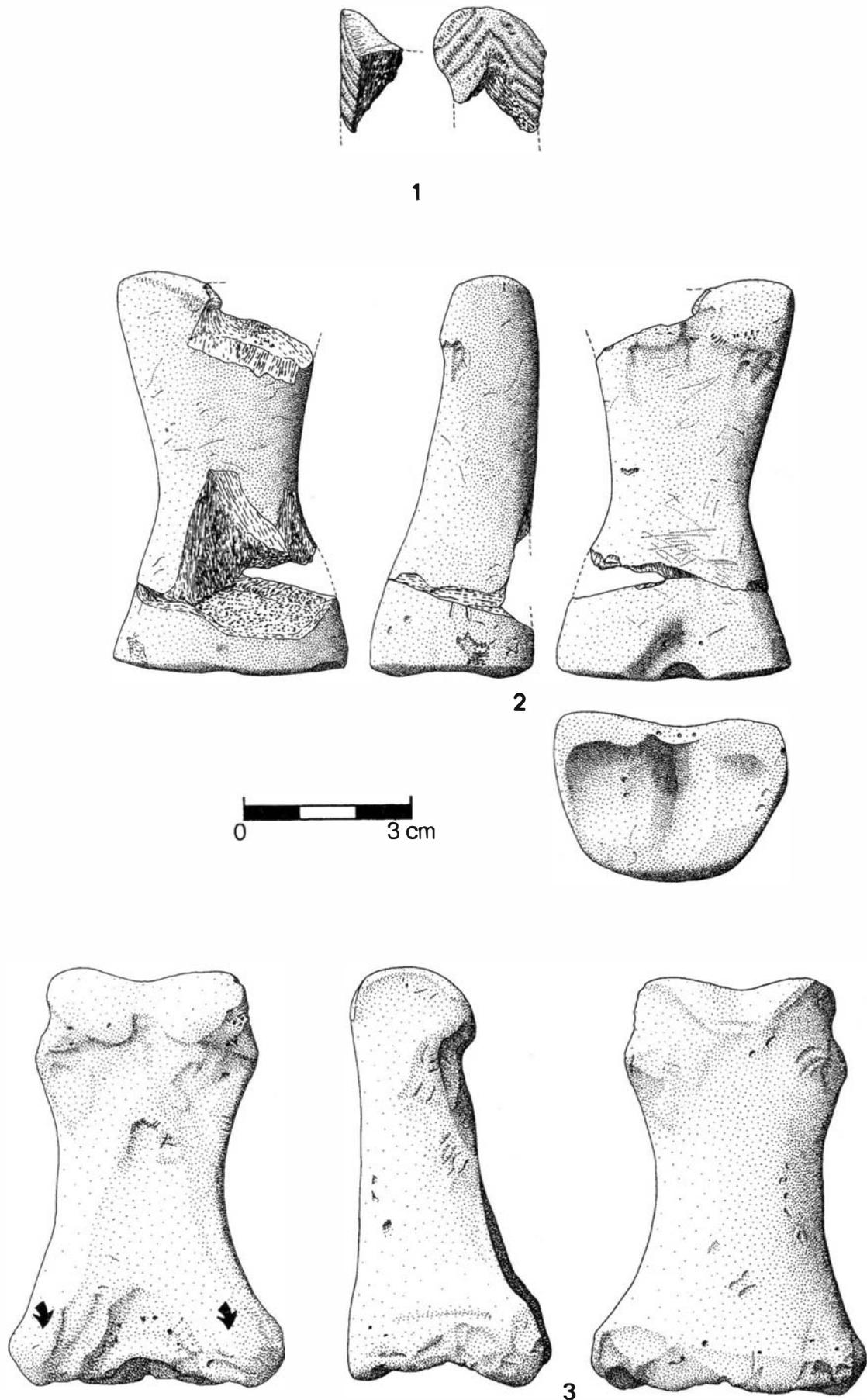
**Exemplar n.º 2** (Fig. 2, n.º 2) – falange de cavalo (*Equus caballus*), intensamente polida em toda a superfície, especialmente nos bordos lateral e mesial da diáfise, tendo em vista o seu adelgaçamento (acentuando a forma antropomórfica), e nas duas extremidades, em particular na superfície articular distal (face posterior) e em todo o bordo da superfície articular proximal, por forma a obter a sua regularização, talvez para aumentar a estabilidade da peça, quando assente por tal superfície.

**Exemplar n.º 3** (Fig. 2, n.º 1) – pequeno fragmento da falange de cavalo (metade da extremidade articular distal), decorada por linhas incisivas correspondendo ao prolongamento das “tatuagens faciais” que teriam existido na face anterior, em falta.

### 4 – COMPARAÇÃO E DISCUSSÃO

Os exemplares de Leceia integram ambos os grupos mais gerais de “ídolos-falange”, estando, com efeito, ali presentes, um exemplar com ornatos gravados e outro liso, apenas afeiçãoado por desgaste e polimento. Porém, antes de entrarmos em análise tipológica mais fina, justificam-se algumas considerações sobre a forma, que é idêntica em ambos os grupos referidos.

A escolha de primeiras falanges de grandes mamíferos para uso como suporte de ideoartefactos deve-se, no essencial, à forma antropomórfica que naturalmente possuem e que se poderá encontrar em exemplares de diversas espécies, especialmente daquelas que, pela sua abundância, maior probabilidade de aproveitamento ofereciam. Assim, seriam passíveis de utilização primeiras falanges de suídeos, bovídeos, cervídeos e equídeos; de todas as famílias referidas, aquele segmento anatómico



**Fig. 2** – Falanges afeiçoadas por desgaste e polimento de Leceia, sendo uma gravada (1) e as restantes lisas (2 e 3). 1 - Lc/91, EO, C2; 2 - Lc/89, TT, C2; 3 - Lc/87, CC1, C2. A última é apenas sumariamente polida, especialmente nas zonas assinaladas por setas.

reveste-se de forma mais acentuadamente antropomórfica na última. Talvez por isso, não obstante a acentuada raridade de restos de equídeos no conjunto das jazidas neolíticas e calcolíticas portuguesas comparativamente aos dos outros grupos citados, tenham sido primeiras falanges daqueles animais as preferidas para a confecção de ideoartefactos. No concernente aos exemplares com afeiçoamento, foi considerada a seguinte subdivisão geral:

- exemplares, lisos, com ou sem pintura;
- exemplares gravados, com ou sem pintura.

A presença da pintura, valorizada por ALMAGRO-GORBEA (1973), não deve ser considerada na classificação, atendendo a que a sua conservação, sendo problemática e dependendo de factores exógenos, não poderá constituir elemento discriminante válido.

Nas comparações que se seguem, consideram-se, apenas, os exemplares executados, como os de Leceia, sobre primeiras falanges de equídeo.

O exemplar liso profundamente afeiçoado por polimento tem, até ao presente, nos oito da necrópole da Lapa da Bugalheira (Torres Novas), o paralelo mais expressivo (CARDOSO *et al.*, em publicação).

Este conjunto, encontrado “à esquerda da entrada da gruta” (PAÇO *et al.*, 1942, 1971, p. 36) ao qual haverá a acrescentar outras duas, “mais imperfeitas” (*op. cit.*, 1971, p. 35) constituirá muito provavelmente um pequeno altar, de finalidade comparável ao que foi identificado na gruta do Correio-Mor (Loures) (CARDOSO *et al.*, 1995).

Outros paralelos para as peças lisas de Leceia, afeiçoadas por polimento registaram-se nos seguintes arqueossítios:

– *Tholos* da Serra da Vila (Torres Vedras) – um exemplar pouco ou nada afeiçoado (LEISNER, 1965, Est. 3, n.º 8);

– *Tholos* 4 de Trigaches (Loures) – um exemplar afeiçoado por polimento (LEISNER, 1965, Est. 18, n.º 28);

– Anta Grande do Olival da Pega (Reguengos de Monsaraz) – um exemplar afeiçoado por polimento (LEISNER & LEISNER, 1951, Est. 62, n.º 5);

– Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) – um exemplar polido (SANTOS *et al.*, 1991, Fig. 1), representado na Fig. 3, n.º 1; GOMES (1995) rebate a afirmação de outrém em trabalho recentemente publicado, que dava tal artefacto como desprovido de afeiçoamento, afirmação que facilmente se comprova ser infundada, em presença do exemplar em causa.

– Anta da Pedra Branca – Montum (Melides) – um exemplar liso, quase despro-

vido de afeiçoamento (FERREIRA *et al.*, 1975, Est. 3, n.º 51), representado na Fig. 4, n.º 3;

– *Tholos* 8 de Alcalar (Portimão) – um exemplar liso, aparentemente polido (LEISNER & LEISNER, 1943, Est. 77, n.º 9);

– Outro, da Penha Verde (Sintra); trata-se de peça lisa, sumariamente polida, recolhida na Casa 1 (ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. 4, n.º 1), representado na Fig. 4, n.º 4.

No Zambujal (Torres Vedras) e Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) é de aceitar que parte do material osteológico de *Equus caballus* (PAÇO, 1958, 1970), cuja percentagem não conhecemos, se possa reportar a falanges não afeiçoadas, o mesmo sucedendo com o espólio de *Equus caballus* do Zambujal (DRIESCH & BOESSNECK, 1976). Relativamente a Vila Nova de S. Pedro, PAÇO, (1960, p. 116) declara que “há muitas dezenas destas falanges, sem o menor indício de trabalho intencional”; provavelmente, boa parte será de boi (*Bos taurus*), considerando a raridade do cavalo em contextos homólogos, como Leceia; obviamente, não poderão ser consideradas como ideo-artefactos.

Para o pequeno fragmento de exemplar polido e gravado por linhas incisais, obtiveram-se, em Portugal, os seguintes paralelos:

– Lapa da Bugalheira – dois exemplares polidos e gravados (PAÇO *et al.*, 1942, Fig. 2), representadas na Fig. 5, n.ºs 5 e 6;

– *Tholos* de S. Martinho (Sintra) – um exemplar polido e gravado (APOLINÁRIO, 1896, Fig. 6), representado na Fig. 5, n.º 2;

– Hipogeus de Vila Chã – Carenque (Amadora) – um exemplar polido e gravado (HELENO, 1933, Est. 8), representado na Fig. 5, n.º 4.

– Vila Nova de S. Pedro (Azambuja) – um exemplar polido e gravado (PAÇO, 1960, Fig. 4, n.º 30) representado na Fig. 4, n.º 5. O mesmo autor (PAÇO & JALHAY, 1939), refere-se a exemplar “com linhas onduladas pintadas a vermelho, e parecido com os de Carenque, S. Martinho de Sintra, Alcalar e Palmela” (p. 258), que foi recolhido por Hipólito da Costa Cabaço em 1936. Trata-se da mesma peça reproduzida por PAÇO (1960), embora o autor refira, para o exemplar em causa, apenas “restos de desenhos”, sem especificar se se trata de pinturas ou de gravuras. Pela representação de LEISNER (1965, Tf. 167), não restam dúvidas sobre a natureza gravada da decoração.

– Olelas (Sintra) – um exemplar polido e gravado (SERRÃO & VICENTE, 1958, Est. 9, n.º 3), representado na Fig. 5, n.º 3.

– *Tholos* 8 de Alcalar (Portimão) – um exemplar polido e gravado (GUERRA & FERREIRA, 1971, Est. 1).

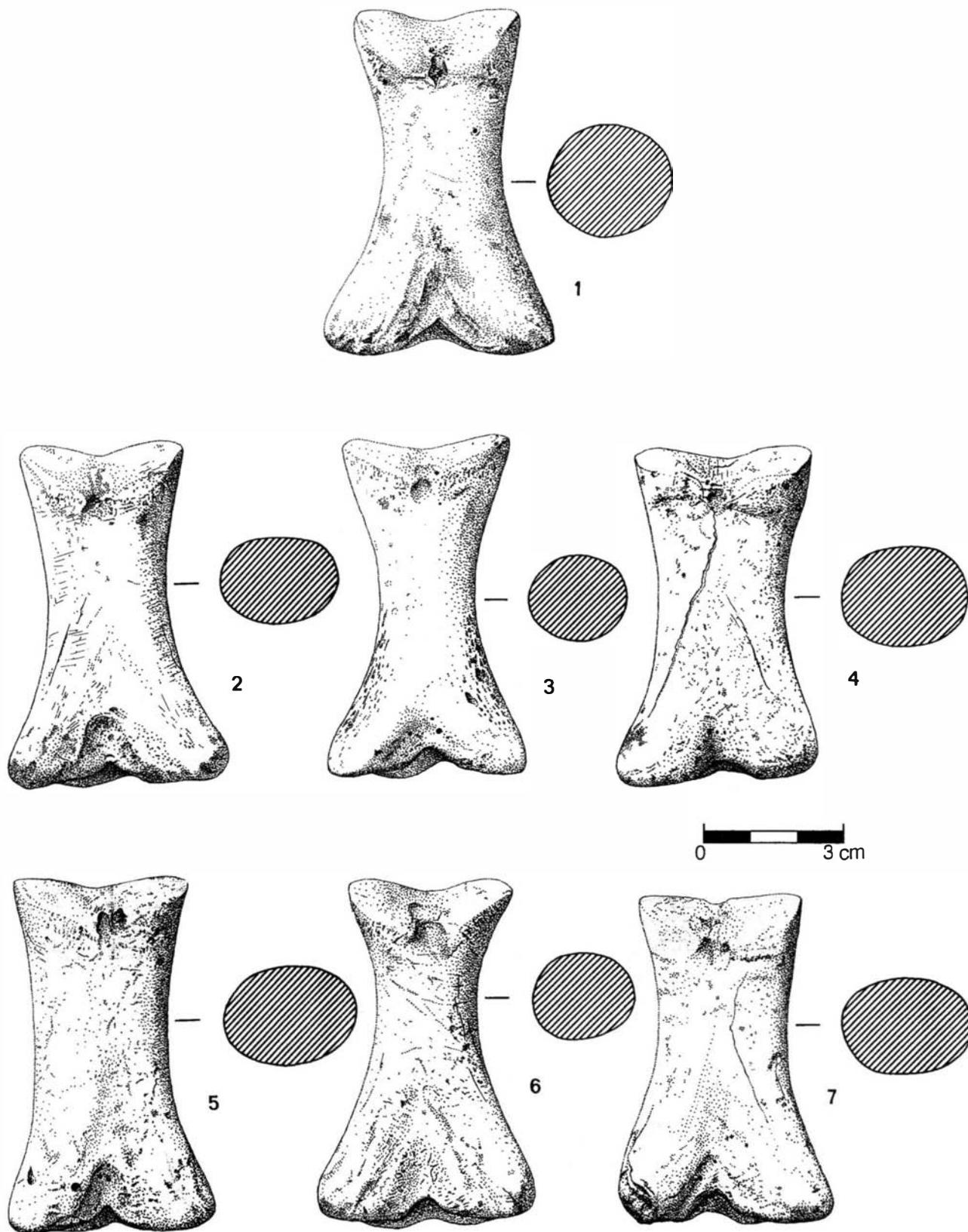


Fig. 3 – Em cima: falange de equídeo afeiçãoada por desgaste e polimento da gruta do Escoural (seg. SANTOS *et al.*, 1991). Ao centro e em baixo: falanges de equídeo afeiçãoadas por desgaste e polimento da lapa da Bugalheira (seg. CARDOSO *et al.*, em publicação, desenhos de C. Gaspar).

Os exemplares lisos nem sempre possuem afeição importante: as falanges dos sepulcros da Serra da Vila, de Conchadas e de Montum, bem como uma (Fig. 2, n.º 3) do povoado de Leceia, conservam as superfícies originais do osso em quase toda a sua extensão. Tal facto, poderia, até, justificar a sua exclusão do grupo dos ideoartefactos. Porém, os contextos, de carácter sepulcral, em que foram recolhidos os três primeiros, afastam tal hipótese. Já no respeitante ao último, as características habitacionais do contexto de que provêm, com abundantes restos faunísticos de grandes mamíferos utilizados na alimentação, impediria uma maior certeza, não fosse o ligeiro polimento que ostenta, a par da extrema raridade de equídeos na estação. Para esta peça, poder-se-ia aceitar a designação de “peças seleccionadas”, pela sua específica aparência antropomórfica, no sentido que GONÇALVES (1991) conferiu a tal expressão, e como tal aproveitadas, sendo eventualmente enriquecidas por pinturas, que não se conservaram.

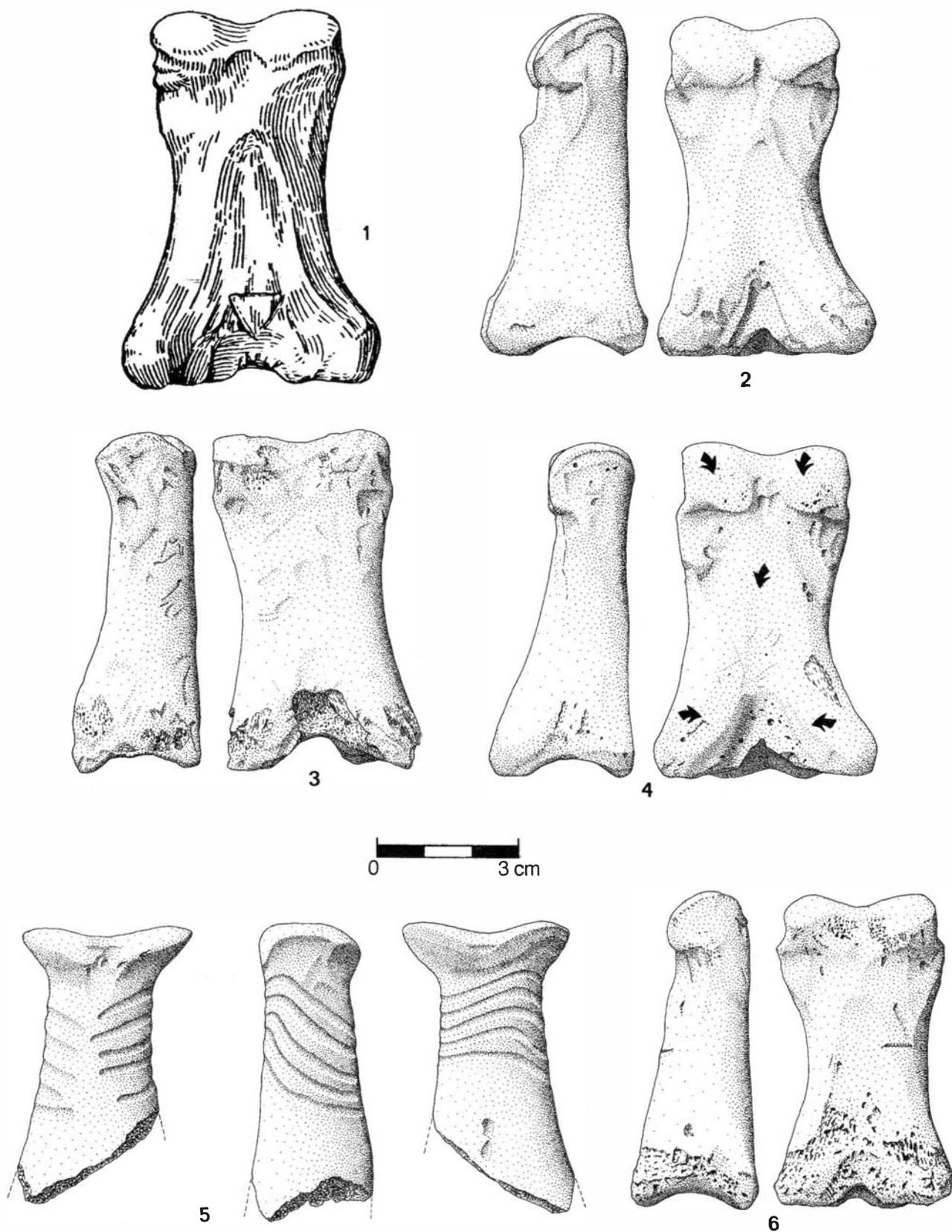
Os exemplares lisos que ostentam maior trabalho possuem formas mais acentuadamente antropomórficas que as peças originais, obtidas por adelgaçamento da parte média (diáfise) das falanges, através de polimento, o qual se pode estender a ambas as extremidades.

Os exemplares decorados respeitam sempre uma temática decorativa uniforme e globalmente homogénea. Na face posterior da falange (anterior do ídolo) possuem, frequentemente, a representação de um par de “olhos solares”, por vezes encimados por “sobrancelhas”, mais frequentemente circundadas, lateral e inferiormente, por linhas onduladas e angulosas, paralelas – as “tatuagens faciais” – que se prolongam pela face anterior das falanges (posterior do ídolo), ocupando toda a metade superior desta, correspondente à “cabeça” do ídolo. Tal posição justificou a sua atribuição a cabelos ondulantes estilizados (ÅBERG, 1921, p. 42). A base é frequentemente desprovida de decoração.

O pequeno fragmento decorado de Leceia (Fig. 2, n.º 1) pertence à extremidade superior, conservando dela o côndilo articular distal esquerdo da falange respectiva. A superfície encontra-se sulcada por linhas incisivas, paralelas, correspondentes ao prolongamento lateral das “sobrancelhas” e das “tatuagens faciais” do ídolo, como acontece nos casos supra descritos; porém, a pequenez da peça impede maior rigor, mormente quanto à atribuição a equídeo. Com efeito, no território português está documentado o aproveitamento de primeiras e, até, de segundas falanges de outros animais, para a confecção de “ídolos-falange”.

Dentre as lisas, é de mencionar uma primeira falange de ovino ou caprino, afeiçãoada por polimento, recolhida por E.C. Serrão na Lapa do Fumo (Sesimbra), e conservada no Museu Municipal de Arqueologia de Sesimbra, onde a observámos.

Dentre as decoradas, destacam-se dois exemplares – uma primeira e uma segunda falanges – de *Bos taurus*, ambas de indivíduos subadultos (falta a epífise proximal) e



**Fig. 4** – Falanges de equídeo de estações pré-históricas peninsulares. 1 - do *tholos* de Cabecito de Aguilar, com um triângulo invertido inciso (seg. LEISNER & LEISNER, 1943, Tf. 29); 2 - do concheiro mesolítico do Roquete, Salvaterra de Magos (inérito, col. IGM); 3 - do dolmen de Montum, Melides (desenho inérito, col. IGM); 4 - do povoado calcolítico da Penha Verde, Sintra (desenho inérito, col. IGM); 5 - do Castro de Vila Nova de São Pedro, Azambuja (desenho inérito, feito sobre reprodução de LEISNER, 1965, Tf. 167); 6 - do dolmen de Conchadas, Loures (desenho inérito, col. IGM). O ex. de Montum apresenta-se muito erodido; no da Penha Verde, assina-se o intenso polimento da face anterior; enfim, o de Conchadas, não é afeiçoado, mas a sua origem sepulcral não deixa dúvidas quanto à natureza ritual respectiva.

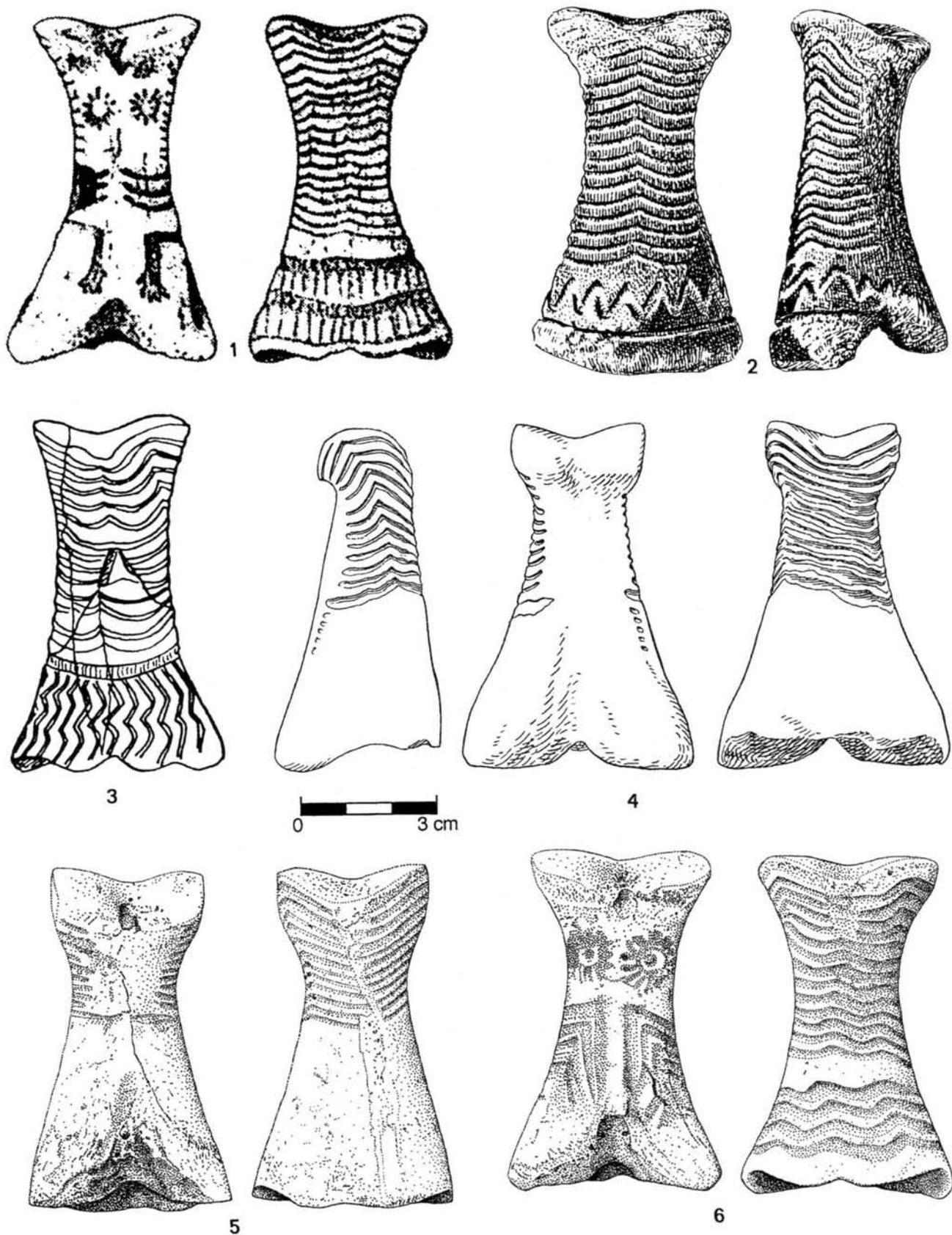
cuja origem foi atribuída a Leceia: o facto de serem exemplares isolados de uma colecção particular (a de Maxime Vaultier) impede, no entanto, quaisquer certezas quanto à aludida proveniência (ZBYSZEWSKI *et al.*, 1974). Na Lapa da Bugalheira exumou-se, em aparente associação com o conjunto referido, uma primeira falange de *Bos taurus*, igualmente afeiçãoada por polimento (PAÇO *et al.*, 1971, Est. X, n.º 133).

De diversas primeiras falanges de ovinos e/ou caprinos do Castelo de Santa Justa (Alcoutim), afeiçãoadas por polimento (GONÇALVES, 1991, Est. 105), uma exhibe, na superfície articular distal, um “olho solar” obtido por gravação. Fragmentos de duas outras primeiras falanges recolhidas naquele povoado fortificado do Algarve, de maiores dimensões, talvez de cervídeo (*Cervus elaphus*) exibem “sobrancelhas”, “olhos solares” e “tatuagens faciais” gravadas e, ainda, a novidade de, em uma delas, se poderem observar dois seios em baixo-relevo (GONÇALVES, 1991, Est. 106 e 223).

O atributo sexual referido permite, assim, relacionar estes ideofalanges antropomórficos com a omnipresente divindade feminina calcolítica, época à qual pertencem. Sob este aspecto, merece especial destaque uma falange de equídeo ostentando, na base, um triângulo invertido. Trata-se da representação do órgão sexual feminino, o que reforça a referida atribuição (Fig. 4, n.º 1). Os restantes atributos – “olhos solares”, “sobrancelhas”, “tatuagens faciais” – estão também associadas à Deusa, em outros tipos de suportes e de matérias-primas – dos vasos cerâmicos, e placas de xisto, aos cilindros de calcário.

Os “ídolos-falange” integram, geograficamente, os conjuntos calcolíticos da Estremadura, do Baixo Alentejo e do Algarve, estendendo-se à Estremadura espanhola e à Andaluzia. Falanges de equídeo afeiçãoadas foram encontradas nas sepulturas colectivas da região de Badajoz, em La Pijotilla (HURTADO, 1986, p. 99) e Huerta Montero (BLASCO & ORTIZ, 1991), na qual se recolheu, também uma falange de *Ovis* ou *Capra* com a gravação de “olhos solares” e “tatuagens faciais”. Na Andaluzia, estão presentes em Almizaraque e em Los Castellones (ALMAGRO-GORBEA, 1973, p. 157).

A concentração de “ídolos-falange” de equídeo na Estremadura portuguesa revela, por um lado, a pujante ocupação calcolítica desta região, com identidade cultural própria – o Calcólítico da Estremadura – e, por outro, a presença de equídeos, que a povoavam. Tem-se discutido se tais animais seriam selvagens ou já domésticos, optando alguns autores pela indefinição (DRIESCH, *in* ARNAUD, 1993, p. 44). A nossa opinião é a de que se trata de animais selvagens; de facto, não são conhecidos registos seguros de equídeos domésticos na Europa Ocidental antes do final do Calcólítico; acresce que a extrema raridade deste táxone nos inventários faunísticos calcolíticos estremenhos contradiz a hipótese de corresponder a animais domésticos. Tal escassez revelará, antes, as dificuldades de captura de tais animais, mais do que condições adversas à sua existência no estado selvagem. Com efeito, na Estremadura, no decurso do Plistocénico, o cavalo constituía uma espécie abundante (CARDOSO,



**Fig. 5** – Falanges de equídeo afeiçoadas por desgaste e polimento e ulteriormente gravadas. 1 - da sepultura circular de La Pijotilha, Badajoz (seg. HURTADO, 1986); 2 - do *tholos* de S. Martinho, Sintra (seg. LEISNER, 1965, Tf. 30); 3 - do Castro de Olelas, Sintra (seg. GUERRA & FERREIRA, 1971); 4 - das grutas artificiais de Carenque, Amadora (seg. HELENO, 1933); 5 e 6 - da lapa da Bugalheira, Torres Novas (seg. CARDOSO *et al.*, em publicação, desenhos de C. Gaspar).

1993), não havendo razões para que, com o aquecimento do clima no pós-glaciário, tal situação se alterasse.

O recurso a falanges de outros animais – menos antropomórficas – como as do boi, veado, ovelhas, e cabras, tanto na Estremadura (apenas dois casos seguramente conhecidos, um, na gruta da Bugalheira, de *Bos*, outro na Lapa do Fumo, de ovino ou caprino) como no Alto Alentejo (povoado da Sala n.º 1, GONÇALVES, 1987, Fig. 6), no Algarve (GONÇALVES, 1991) e na Andaluzia, nas províncias de Almería e de Granada, documentados por abundantes exemplos (LEISNER & LEISNER, 1943), poderá indiciar a crescente raridade de equídeos naquelas regiões. Uma questão, não menos importante, se coloca, para a cabal compreensão destes materiais, a saber: que espécie (ou espécies) e subespécies de equídeos poderão ser-lhes atribuídas?

Se é certa a grande rarefacção (quase extinção) que o cavalo (*Equus caballus*) conheceu no Holocénico, além Pirinéus, a sua sobrevivência na Península Ibérica, ao menos nos seus domínios mais ocidentais e meridionais foi uma realidade. Tal facto poderá explicar-se pelo papel de área-refúgio oferecido por tais territórios a diversas espécies, bem conhecido no decurso do Plistocénico, onde sobreviveram muito depois de terem quase desaparecido noutras regiões (CARDOSO, 1993).

Com efeito, além da gravura integrada na fase epipaleolítica da arte rupestre do vale do Tejo (GOMES & CARDOSO, 1989), a presença do cavalo encontra-se documentada no Mesolítico do vale do Tejo (concheiros do Cabeço da Arruda (COSTA, 1865, Est. 6, n.º 6), do Cabeço da Amoreira (CORRÊA, 1933) e do Paúl de Magos (iné-dito, uma primeira falange representada, para efeitos comparativos na Fig. 4, n.º 2) e do Vale do Sado, no concheiro do Cabeço do Pez (ARNAUD, 1987, p. 61). No Neolítico e no Calcolítico há, igualmente, registo desta espécie em contextos habitacionais da Estremadura, do Alto e do Baixo Alentejo:

Na Estremadura – povoados de Vila Nova de S. Pedro (PAÇO, 1958, p. 75; 1970, p. 323); do Zambujal (DRIESCH & BOESSNECK, 1976); e de Leceia (escavações de J.L. Cardoso, resultados não publicados);

No Alto Alentejo – povoado dos Perdigões, Reguengos de Monsaraz (escavações de Mário Varela Gomes, resultados não publicados);

No Baixo Alentejo – povoados do Porto Torrão, Ferreira do Alentejo (ARNAUD, 1993), e do Monte da Tumba, Alcácer do Sal (ANTUNES, 1987, p. 132).

Para além do cavalo, há indicação da existência no Calcolítico de um pequeno equídeo, provavelmente um asinino, muito mais raro, cuja presença foi documentada apenas em Vila Nova de S. Pedro e no Monte da Tumba. Tratar-se-á de *Equus hydruntinus*, espécie actualmente extinta mas ainda sobrevivente no Holocénico, no Sul da Península Ibérica (UERPMANN, 1976), e aí presente até meados do século XVI (NORES & LIESAU, 1992). Para responder a tal questão, impunha-se estudo biométrico comparado.

**QUADRO 1 – Medidas comparadas de primeiras falanges de equídeos de jazidas pré-históricas portuguesas**

	(1) Comprimento máximo	(2) DT proximal	(3) DAP proximal	(4) DT diáfise	(5) DAP diáfise	(6) DT distal	(7) DAP distal	ÍNDICES		
								4/1x100	2/1x100	6/1x100
<b>Pleistocénico (1)</b>										
X (n=8/10)	82,6	52,1	35,6	33,4	–	42,0	–	40,4	63,1	50,8
Máx.	89,0	54,0	38,5	34,5	–	43,0	–			
Mín.	78,5	50,0	34,5	31,8	–	41,0	–			
<b>Mesolítico (2)</b>										
Paul de Magos (posterior)	73,5	46,5	35,0	28,0	24,0	36,0	22,0	38,1	63,3	49,0
<b>Calcolítico (3)</b>										
Montum (anterior?)	72,0	40,0	–	30,0	–	38,0	–	41,7	55,6	52,8
Trigaches (subadulto)										
(anterior)	68,0	39,5	29,0	25,0	19,0	33,0	17,5	36,8	58,0	48,5
Penha Verde (posterior)	72,5	47,0	32,5	29,0	22,0	35,5	–	40,0	64,8	49,0
Leceia (posterior)	72,5	52,0	37,0	30,0	23,5	36,5	22,5	41,4	71,7	50,3
<b><i>Equus caballus gallicus</i> (4)</b>										
anteriores X (n=27)	85,7	57,6	37,8	37,5	–	47,0	25,7	43,7	67,2	54,8
Máx.	92,0	65,0	43,0	42,5	–	50,0	29,0			
Mín.	82,0	54,0	35,0	35,0	–	45,0	24,0			
posteriores X, (n=24)	83,2	58,8	40,8	36,7	–	45,7	26,0	49,0	70,7	54,9
Máx.	89,0	65,0	45,0	41,0	–	49,0	28,2			
Mín.	80,0	55,0	38,0	34,0	–	43,0	24,0			
<b><i>Equus przewalskii</i> (5)</b>										
anteriores X (n=27)	78,2	49,6	33,9	32,6	–	40,8	–	41,7	63,4	52,2
Máx.	82,0	55,0	37,0	37,0	–	43,0	–			
Mín.	74,0	46,0	31,5	29,0	–	37,0	–			
posteriores X (n=27)	73,7	49,9	35,8	31,6	–	38,9	–	42,9	67,7	52,8
Máx.	81,5	53,0	38,5	36,0	–	42,0	–			
Mín.	68,0	47,0	33,0	27,5	–	37,0	–			
<b><i>Equus asinus</i> (6)</b>										
anteriores X (n=11)	72,2	38,0	28,3	23,9	–	33,6	–	33,1	52,6	46,5
Máx.	82,0	41,1	32,5	26,0	–	36,2	–			
Mín.	64,0	35,0	26,1	22,0	–	31,0	–			
posteriores X (n=10)	67,5	40,0	28,4	23,2	–	31,2	–	34,4	59,2	46,2
Máx.	76,0	43,2	32,3	25,6	–	35,0	–			
Mín.	61,0	35,0	27,0	22,0	–	29,0	–			
<b><i>Equus hemionus onager</i> (7)</b>										
anteriores X (n=15)	76,5	41,1	30,8	24,6	–	35,6	–32,2	53,7	46,5	
Máx.	82,0	44,0	34,0	26,0	–	38,5	–			
Mín.	73,3	38,5	28,5	23,0	–	33,3	–			
posteriores X (n=14/15)	71,2	42,4	30,9	24,3	–33,3	–34,1	59,6	46,8		
Máx.	78,0	45,0	32,5	26,5	–	36,0	–			
Mín.	66,5	39,0	29,0	23,0	–	31,0	–			
<b><i>Equus hydruntinus</i> (8)</b>										
anteriores X (n=2)	(69,6)	(35,8)	(24,8)	(22,2)	(19,6)	(33,0)	(15,1)	31,9	51,2	47,4
Máx.	(70,3)	(36,2)	(27,6)	(23,0)	(19,8)	(34,0)	(15,2)			
Mín.	(68,8)	(35,4)	(22,0)	(21,4)	(19,5)	(31,9)	(15,0)			
posteriores X (n=3/8)	72,2 (63,9)	39,8 (37,1)	24,8 (24,8)	22,7 (21,8)	20,4 (19,5)	32,4 (30,8)	14,8 (15,1)	31,4 (34,1)	55,1 (58,0)	44,9 (48,2)
Máx.	76,5	42,0	29,4	27,5	20,6	34,5	17,0			
Mín.	69,0	36,0	22,0	19,1	20,0	27,5	10,0			

DT – diâmetro transversal; DAP – diâmetro antero-posterior; X – média

No QUADRO 1, comparam-se as medidas de exemplares não afeiçoados de primeiras falanges, recolhidos em contextos paleolíticos, mesolíticos e calcolíticos portugueses, com exemplares homólogos de diversas espécies de equídeos, cujas dimensões foram obtidas por DIVE & EISENMANN (1991):

Notas ao QUADRO 1:

- (1) – segundo CARDOSO & EISENMANN (1989), *E. caballus antunesi*.
- (2) – medidas pessoais, inéditas.
- (3) – medidas pessoais, inéditas.
- (4) – segundo DIVE & EISENMANN (1991).
- (5) – idem.
- (6) – idem.
- (7) – idem.
- (8) – segundo BONIFAY (1963, 1965). Para os números entre parêntesis, ver BONIFAY (1991), *E. hydruntinus minor*.

As falanges de equídeo utilizadas como ídolos antropomórficos calcolíticos são aproveitáveis para comparações biométricas, tendo em vista a respectiva determinação específica, desde que pouco alteradas pelo afeiçoamento. Tal situação é especialmente observável nos exemplares pouco polidos e não decorados. Entre estes, seleccionaram-se três onde aquelas alterações são menos relevantes; trata-se dos exemplares de Conchadas, Loures (LEISNER, 1965, Est. 18, n.º 28), Penha Verde, Sintra ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1958, Est. 4, n.º 1) e o exemplar de Leceia inteiro apenas muito levemente polido, neste trabalho representados, respectivamente na Fig. 4, n.º 6, Fig. 4, n.º 4 e Fig. 2, n.º 3.

O comprimento destas três peças, que constituem um grupo homogéneo com o exemplar mesolítico do concheiro de Salvaterra de Magos, é nitidamente inferior aos conjuntos do Plistocénico superior final considerados, a saber, o dos exemplares de jazidas portuguesas do Würm recente, pertencente à subespécie *Equus caballus antunesi* e o constituído por peças da subespécie *Equus caballus gallicus*, sua contemporânea, do território francês. A situação altera-se quando se consideram outros conjuntos de equídeos selvagens: os constituídos por exemplares de *Equus przewalskii* e *Equus hydruntinus*, que possuem comprimentos médios próximos dos exemplares calcolíticos e mesolíticos das estações portuguesas. Quanto aos dois restantes táxones considerados no QUADRO 1, *Equus asinus* e *Equus hemionus onager*, às respectivas falanges posteriores – a que pertencem todos os nossos exemplares, excepto o de Trigaches que, por ser de subadulto, não será considerado – correspondem intervalos de variação do comprimento máximo que integram todos os nossos exemplares, conquanto a média seja inferior à destes.

Verifica-se, pois, que apenas com o recurso a outras dimensões, e aos índices susceptíveis de as relacionar com o comprimento máximo, se poderá obter elementos de diagnose mais conclusivos. Deste modo, consideraram-se as dimensões transversais tomadas em ambas as extremidades articulares, bem como no meio da diáfise, as quais constam também do QUADRO 1.

Considerando os valores absolutos obtidos para aqueles três parâmetros, verifica-se que são invariavelmente inferiores aos conjuntos plistocénicos utilizados para comparação, bem como à média de *E. przewalskii*. Ao contrário, tais valores apresentam-se sempre superiores aos homólogos dos três equídeos não cabalinos considerados: *E. asinus*; *E. heminus onager*; e *E. hydruntinus*. Tais diferenças são ainda mais nítidas, se considerarmos os índices que relacionam as dimensões transversais nos três sectores referidos com o comprimento máximo; através dos valores obtidos, verifica-se que os exemplares mesolítico e calcolíticos das nossas estações arqueológicas se afastam de qualquer dos três conjuntos considerados, pelo facto das dimensões transversais serem, proporcionalmente ao respectivo comprimento máximo, invariavelmente mais desenvolvidas; por outras palavras, as falanges em causa, apresentam-se mais robustas que as de burro, onagro ou *E. hydruntinus*, o que permite afastar a hipótese de pertencerem a quaisquer destas espécies. Por outro lado, embora as dimensões absolutas sejam, como salientámos, em geral inferiores às dos cavalos plistocénicos, as proporções relativas são idênticas, conforme transparece dos valores obtidos para os três índices considerados. Podemos, pois, concluir que o único equídeo até agora seguramente documentado nas estações mesolíticas e calcolíticas do território português é o cavalo (*Equus caballus*), por certo descendente das derradeiras populações plistocénicas. A redução do tamanho que, comparativamente àquelas se evidencia, é fenómeno observado em outras espécies selvagens na transição do Plistocénico para o Holocénico. Em conclusão: o cavalo ter-se-ia mantido no estado selvagem até ao fim do Calcolítico. Com efeito, a sua domesticação, a aceitar os elementos actualmente disponíveis, verifica-se muito tardiamente, por comparação com outras espécies domésticas, tendo, segundo GIMBUTAS (1977, 1979) atingido a Europa Ocidental apenas na passagem do 3.º para o 2.º milénio a.C., talvez relacionada com a chegada dos portadores de vasos campaniformes, que ilustram marcado quanto rápido difusionismo, proporcionado por meio de transporte terrestre eficiente, como o cavalo.

#### 4 – CONCLUSÕES

Neste trabalho apresentam-se três falanges de equídeo recolhidas no povoado pré-histórico de Leceia, utilizadas, após afeiçoamento, como ideoartefactos. Eis as principais conclusões que tal estudo proporcionou:

1 – A forma, notavelmente antropomórfica, que as primeiras falanges de equídeo exibem, justifica que tenham sido, preferencialmente, as escolhidas, em detrimento das homólogas de bóvidos e cervídeos, embora estas também tenham sido utilizadas, na falta das primeiras. Dentre as primeiras falanges de equídeo, são as posteriores que acusam forma antropomórfica mais acentuada; talvez nisso resida a sua maior ocorrência, face às anteriores.

2 – Em Leceia encontram-se documentados os dois grupos, vulgarmente considerados: falanges apenas com desgaste e polimento; e falanges polidas e gravadas.

O primeiro grupo integra todos os exemplares não decorados. O polimento, que pode ser vestigial, como em um dos exemplares de Leceia (Fig. 2, n.º 3), conduziu a uma acentuação da morfologia antropomórfica das peças, por adelgaçamento da sua parte média (diáfise).

Os exemplares que hoje se apresentam apenas polidos poderiam, originalmente, ser também pintados, reproduzindo os motivos que se conservaram apenas nos gravados. A temática decorativa patente nestes – que constituem o segundo grupo da classificação – é uniforme. trata-se da representação da deusa calcólítica, com grandes olhos radiados, sobrancelhas, nariz, tatuagens faciais, excepcionalmente com braços e possuindo ainda a representação do sexo feminino, na base da face anterior, como o exemplar da Fig. 4, n.º 1.

3 – A distribuição geográfica destes ideoartefactos evidencia uma concentração nítida na Estremadura, com rarefacção para o Alentejo e Algarve, no território português e para a Estremadura espanhola e Andaluzia, no que concerne ao país vizinho. Tal concentração poderá denunciar não apenas uma maior expressão populacional e, por conseguinte, maior número de estações; porventura, será o reflexo da maior ou menor abundância de equídeos no estado selvagem; tal hipótese explicaria a aludida substituição de falanges de equídeos por outras, de ovinos, caprinos, bovinos e cervídeos, especialmente nas zonas do Sul peninsular (Algarve e Almería). Relembrem-se, a propósito, os testemunhos de autores clássicos (Varrão, Plínio), de que as éguas da Lusitânia, por serem tão velozes, conceberiam do vento... alusão às boas condições para a criação de tais animais, tanto no estado doméstico como selvagem.

No que respeita a tipos de estações, os ídolos-falange de equídeos estão presentes, além de povoados, em monumentos megalíticos, *tholoi*, grutas naturais e hipogeus, documentando a sua participação em rituais e oferendas; a ocorrência em contextos habitacionais explica-se, não apenas porque seriam os locais onde eram confeccionados, mas também por poderem integrar pequenos altares domésticos, a par doutros ideoartefactos (cilindros de calcário, designadamente).

4 – Sempre que se dispõe de indicações cronológicas seguras, estas peças integram o Calcolítico pleno ou final. Tal situação, porém, é excepcional: além das três peças de Leceia, todas elas recolhidas na Camada 2, correspondente àquela fase cultural, apenas os exemplares da Penha Verde e de Olelas corroboram tal asserção, e estes, ainda assim, mais por exclusão de outras hipóteses, designadamente a ausência de materiais atribuíveis ao Calcolítico inicial, em ambos os contextos. Para os restantes, a idade calcolítica é a única certeza.

5 – A biometria das primeiras falanges em que foi possível obter medidas, pelo facto de se apresentarem quase inalteradas na sua morfologia primitiva, exclui a hipótese de pertencerem a qualquer espécie de equídeo que não *Equus caballus*, sem dúvida representado por populações descendentes das que, no final do Plistocénico, habitaram intensamente o nosso território.

## AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras pelo inequívoco apoio que, desde sempre, tem prestado aos estudos arqueológicos sobre Leceia.

À Dr.<sup>a</sup> Ph. Kalb, do Instituto Arqueológico Alemão (delegação de Lisboa), pela tradução do estudo de H.-P. Verpmann.

## BIBLIOGRAFIA

- ÅBERG, N. (1921) – *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique*. Vilhelm Ekmans Universitetsfond, 25, 204 p. Uppsala.
- ALMAGRO-GORBEA, M.J. (1973) – *Los idolos del Bronce I Hispano*. Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12, 354 p. Madrid.
- ANTUNES, M.T. (1987) – O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. IV - Mamíferos (nota preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 103-144.
- APOLLINARIO, M (1896) – Necrópole neolítica do valle de S. Martinho. *O Archeologo Português*, 2, p. 210-221.
- ARNAUD, J.M. (1987) – Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e do Sado: semelhanças e diferenças. *Arqueologia*, 15, p. 53-64.
- ARNAUD, J.M. (1993) – O povoado calcolítico de Porto Torrão (Ferreira do Alentejo): síntese das investigações realizadas. *Vipasca*, 2, p. 41-60.

- BLASCO RODRIGUEZ, F. & ORTIZ ALESON, M. (1991) – Trabajos arqueológicos em “Huerta Montero”, Almendralejo, Badajoz. *Extremadura Arqueológica*, 2, p. 129-137.
- BONIFAY, M.F. (1963) – Présence d'*Equus hydruntinus* dans la grotte de Rigabe. *Annales de Paléontologie*, 49, p. 159-170.
- BONIFAY, M.F. (1964) – L'*Equus hydruntinus* de la Baume-Rousse (Lozère). *L'Anthropologie*, 68 (3/4), p. 387-396.
- BONIFAY, M.F. (1991) – *Equus hydruntinus* Regalia minor n. ssp. from the Caves of Lunel-Viel (Hérault, France), In *Equids in the Ancient World* (R.H. Meadow & H.-P. Uerpmann, eds.), 2, p. 178-216. Dr. Ludwig Reichert Verlag. Wiesbaden.
- CARDOSO, J.L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal* (Dissertação de doutoramento, FCT/UNL), 567 p. Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J.L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras (número especial), 164 p.
- CARDOSO, J.L. & EISENMANN, V. (1989) – *Equus caballus antunesi*, nouvelle sous-espèce quaternaire du Portugal. *Palaeovertebrata*, 19 (2), p. 47-72.
- CARDOSO, J.L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. Veiga; NORTON, J. & NORTH, T. (1995) – O altar calcítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p.
- CARDOSO, J.L. & GOMES, M.V. & FERREIRA, O. da Veiga (em publicação) – Os ídolos-falange da Lapa da Bugalheira (Torres Vedras).
- CORRÊA, A.A. Mendes (1933) – Les nouvelles fouilles à Muge (Portugal). *XV Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques*, p. 357-372.
- COSTA, F. A. Pereira da (1865) – *Da existência do Homem em epochas remotas no valle do Tejo. Notícia sobre os esqueletos humanos descobertos no Cabeço da Arruda*. Comissão Geológica de Portugal, 40 p. Lisboa.
- DIVE, J. & EISENMANN, V. (1991) – Identification and discrimination of firsts phalanges from Pleistocene and modern *Equus*, wild and domestic. In *Equids in the Ancient World* (R.H. Meadows & H.-P. Uerpmann, eds.), 2, p. 278-333. Dr. Ludwig Reichert Verlag. Wiesbaden.
- DRIESCH, A. von den & BOESSNECK, J. (1976) – Castro do Zambujal. Die fauna. *Studien über Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 1, p. 43-95. Munich.
- FERREIRA, O. da Veiga; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, T. & SOUZA, H.R. de (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 49, p. 107-192.

- GIMBUTAS, M. (1977) – The first wave of eurasian steppe pastoralists into Copper Age of Europe. *The Journal of Indo-European Studies*, 5(4), p. 177-238.
- GIMBUTAS, M. (1979) – The three waves of the Kurgan People into Old Europe 4500-2500 BC. *Archives Suisses d'Anthropologie Générale*, 43(2), p. 113-137.
- GOMES, M.V. (1995) – O que é que temos que fazer? *Al-Madan*, 2.<sup>a</sup> Série, 4, p. 150-153.
- GOMES, M.V. & CARDOSO, J.L. (1989) – A mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo. *Almansor*, 7, p. 167-209.
- GONÇALVES, V.S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º 1 (Pedrógão, Vidigueira). Notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia* (Nova Série), 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1991) – Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada. *Uniarq, Centro de Arqueologia e História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Estudos e Memórias*, 2 (1/2-texto, 2/2 desenhos e estampas). Lisboa.
- GUERRA, V. & FERREIRA, O.V. (1971) – Notícia sobre uma falange-ídolo gravada do Museu Doutor Santos Rocha na Figueira da Foz. *Revista de Guimarães*, 81, p. 43-49.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Comunicação feita ao Congresso Luso-Espanhol de 1932, 25 p. Lisboa.
- HURTADO, V. (1986) – El Calcolítico en la cuenca media del Guadiana y la necropolis de la Pijotilla. *Arqueologia*, 14, p. 83-103.
- LEISNER, V. (1965) – *Die megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Madrider Forschungen, Band 1. Tafeln. Deutsches Archäologisches Institut, Abteilung Madrid. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1943) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Süden*. Vol. 2. Römisch-Germanische Forschungen, Band 17. Tafeln. Walter de Gruyter & Co. Berlin.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) – *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Instituto para a Alta Cultura, 322 p. Lisboa.
- NORES QUESADA, C. & LIESAU von LETTOW-VORBECK, C. (1992) – La Zoología Histórica como complemento de la Arqueozoología. El caso del zebro. *Archaeofauna*, 1, p. 61-71.
- PAÇO, A. (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. X - Campanha de escavações de 1956 (20.<sup>a</sup>). Aditamento – Campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 - 16.<sup>a</sup>, 17.<sup>a</sup> e 18.<sup>a</sup>. *Anais da Academia Portuguesa da História*, S. III, 8, p. 43-91.

- PAÇO, A. (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII - Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*, 11, p. 105-117.
- PAÇO, A. & JALHAY, E. (1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. I - Escavações de 1942. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 307-330. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A. do & JALHAY, E. (1970) – A póvoa eneolítica de Vila Nova de S. Pedro. Notas sobre a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Campanha de Escavações - 1937 e 1938. Republicado em *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, 1, p. 229-274. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa.
- PAÇO, A.; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Nota sobre a Lapa da Bugalheira. Actas do I Congresso Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1941). *Bol. Soc. Port. Ciências Naturais*, 13, Supl. 2, p. 116-119.
- PAÇO, A.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O.V. (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 55, p. 23-47.
- SANTOS, M.F.; GOMES, M.V. & CARDOSO, J.L. (1991) – Dois artefactos de osso, pós-paleolíticos, da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Almansor*, 9, p. 75-94.
- SERRÃO, E.C. & VICENTE, E.P. (1958) – O castro eneolítico de Olelas. Primeiras escavações. *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 87-125.
- UERPMANN, H.-P. (1976) – *Equus (Equus) caballus* und *Equus (Asinus) hydruntinus* in Postpleistozän der Iberischen Halbinsel (Perissodactyla, Mammalia). *Säugetiere Kundliche Mitteilungen*, Heft 3, p. 206-218. München.
- ZBYSZEWSKI, G. e FERREIRA, O.V. (1958) – Estação pré-histórica da Penha Verde (Sintra). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 39, p. 37-57.
- ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; NORTH, T. & FERREIRA, O.V. (1974) – Acerca de dois ídolos oculados de osso da colecção de Maxime Vaultier. *Estudos Italianos em Portugal*, 37, p. 83-88.